

Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022



Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora

Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Ian de Melo Freitas

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Eraldo Medeiros Costa Neto
Elis Rejane Santana da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades / Organizadores Eraldo Medeiros Costa Neto, Elis Rejane Santana da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-935-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.353221802>

1. Espiritualidade. 2. Ecologia espiritual. 3. Natureza. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros (Organizador). II. Silva, Elis Rejane Santana da (Organizadora). III. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todos e todas que almejam construir uma Nova Terra, reconhecidamente majestosa, irmanados na convivência harmoniosa com os seres que vivem em suas diferentes dimensões.

PREFÁCIO

O presente livro é uma ação e organização de membros do grupo de pesquisa “Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O livro tem por organizadores os professores Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) e Dra. Elis Rejane Santana da Silva (UNEB, *Campus 3*), com a colaboração de diversos pesquisadores, de diferentes instituições de ensino superior, os quais vêm demonstrando interesse e ações no campo interdisciplinar da ciência, com foco na busca e compreensão da relação do universo espiritual com o universo natural, dentro da temática da Ecologia Espiritual. Aproveitamos esse momento para parabenizar tanto os organizadores quanto os demais autores dessa obra literária tão importante no atual momento que vivemos na ciência e academia, parabenizar pela determinação e ousadia em quebrar os paradigmas cartesianos e fechados da ciência tradicional, e por evidenciar que a ciência é um campo aberto e que nela podemos ter diferentes diálogos, diferentes olhares, diferentes percepções e diferentes atores sociais envolvidos.

O livro está organizado em quatro partes: 1) Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza; 2) Ecologia Espiritual na vertente de uma Ciência Ecocentrada; 3) Conexões com os Seres Elementais; e 4) Ecologia Espiritual e Saúde Integral. Os capítulos distribuídos nessas quatro partes apresentam diferentes olhares no contexto da Ecologia Espiritual, com reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa, formado junto ao CNPq em março de 2021. Os autores destacam, entre outras coisas: a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza; correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está apartado da Natureza, mas dela é elemento; e desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

Sobre a Ecologia Espiritual, podemos encontrar afirmações e explicações interessantes, como as que seguem, extraídas do livro “Ecologia Espiritual: o choro da Terra” (The Golden Sufi Center, 2013), editado por Llewellyn Vaughan-Lee, no qual temos textos de escritores, filósofos e mestres espirituais:

“Se é para nós restaurarmos o equilíbrio em nosso planeta, nós precisamos ir além da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e assim contribuir em trazer o sagrado de volta à vida.”

“A Ecologia Espiritual é uma resposta espiritual à presente crise ecológica. Este campo em desenvolvimento une ecologia com a consciência do sagrado existente na criação, firmando uma nova forma de se relacionar no mundo”.

"A Ecologia Espiritual propõe que as realidades físicas da crise ecológica que vivenciamos – desde os fenômenos de alteração climática ao consumismo exacerbado e poluição das águas, ar e solo, refletem uma realidade mais profunda, a da crise espiritual".

Diante da importância dessa área da ciência e de toda a contribuição que a Ecologia Espiritual pode trazer para auxiliar no entendimento e busca por soluções das crises ambientais que o mundo vem passando, inclusive com impactos na vida emocional, pessoal, social, familiar e espiritual de cada pessoa, que referendamos o presente livro, o qual chega em hora muito oportuna para fazer eco e propagar essa realidade, que tem sido negligenciada por muitos. Precisamos nos reconectar com a natureza e salvá-la enquanto temos tempo. Essa reconexão também passa pelo respeito e proteção dos povos indígenas e populações tradicionais, os quais são os guardiões da natureza e vêm passando por diversos e complexos momentos de destruição de suas culturas e formas de viver, assim como suas conexões com a natureza.

Outro ponto a ser destacado no presente livro é seu caráter internacional, pois temos capítulos de pesquisadores de países como Argentina, Canadá, Colômbia, Equador e Estados Unidos, evidenciando que a temática da Ecologia Espiritual está sendo observada, discutida e desenvolvida em várias partes do mundo. Nesse contexto, o Brasil tem como colaborar fortemente nesse universo, em virtude da gigantesca diversidade biológica e cultural que temos em nosso país, em suas diversas regiões, com uma ampla heterogeneidade cultural, étnica, social e econômica, aliadas e relacionadas aos diferentes biomas como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, entre outros, e em cada um deles, a presença marcante da espiritualidade com seus mitos e lendas, dos quais, muitos são relacionados com a proteção dos ecossistemas e sua biodiversidade.

Esse livro também contribuirá com a formação acadêmica de alunos, professores e pesquisadores que se interessem pela área da Ecologia Espiritual, fortalecendo assim o contexto da mesma como uma ciência séria, e que vem para somar com resultados robustos e necessários para enfrentar os problemas atuais da sociedade.

Termino deixando meus imensos parabéns aos organizadores e autores do livro "Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades", e desejo que o mesmo possa promover uma reconexão espiritual e natural de cada pessoa, cada leitor que tiver contato com o mesmo.

Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 05 de novembro de 2021

SUMÁRIO

PARTE I - ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADES E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA


CAPÍTULO 1..... 1

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paula Chamy


Claudia Nunes-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218021>

CAPÍTULO 2..... 17

SPIRITUAL ECOLOGY: RECONNECTING WITH NATURE

Leslie E. Sponsel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218022>


CAPÍTULO 3..... 36

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE AS SERPENTES

Jamille Ferreira Marques

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Moacir Santos Tinoco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Érika Fernandes-Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218024>

PARTE II - ECOLOGIA ESPIRITUAL NA VERTENTE DE UMA CIÊNCIA ECOCENTRADA

CAPÍTULO 5..... 63

THE QUANTUM CONSCIOUSNESS PARADIGM FOR THE UNIFICATION OF SCIENCE AND SPIRITUALITY


Raul Franco Valverde

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218025>

CAPÍTULO 6..... 84

ECOLOGIA PROFUNDA


Hildo Honório do Couto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>

CAPÍTULO 7.....92

ECOLOGIA ESPIRITUAL INTEGRATIVA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARA UM MEIO AMBIENTE SUSTENTÁVEL

Ian Felipe Nascimento
Fábio dos Santos Massena
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218027>

CAPÍTULO 8..... 100

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

João José de Santana Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218028>

PARTE III - CONEXÕES COM OS SERES ELEMENTAIS

CAPÍTULO 9..... 123

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO


Ana Cecília Maria Estellita Lins
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218029>

CAPÍTULO 10..... 145

LA RECIPROCIDAD CON EL REINO ELEMENTAL: UNA INTERACCIÓN DE AMOR Y ARMONÍA CAPAZ DE DETENER CATACLISMOS, PANDEMIAS Y OTRAS ALTERACIONES PLANETARIAS

Aurora Lope
Mónica Tacca


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180210>

PARTE IV - ECOLOGIA ESPIRITUAL E SAÚDE INTEGRAL

CAPÍTULO 11..... 163

MODO ANTIGO DE REZAR: INTEGRANDO A ESPIRITUALIDADE DO SER


Gemicrê do Nascimento Silva
Gabriela Passos Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180211>

CAPÍTULO 12..... 174

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE HUMANO


Geraldo Milioli
Caroline Vieira Ruschel
Isaura Awas Remor Milioli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180212>

CAPÍTULO 13..... 189

PLANTAS SAGRADAS DEL SISTEMA MÉDICO TRADICIONAL EN TIERRADENTRO,
CAUCA, COLOMBIA


Olga Lucia Sanabria Diago
Victor Hugo Quinto Huetocue

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180213>

CAPÍTULO 14..... 214

ETNOFARMACOPEA SAGRADA DEL ECUADOR: INTERACCIONES ESPIRITUALES
ENTRE GENTE Y PLANTAS

Montserrat Rios
Fabián Aguilar-Mora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180214>

Parte III - Conexões com os Seres Elementais

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO

Data de aceite: 10/02/2022

Ana Cecília Maria Estellita Lins

Auditora de Controle Interno do Governo do
Distrito Federal (aposentada)
Brasília – DF
<http://lattes.cnpq.br/7778011442131491>

Eraldo Medeiros Costa Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana,
Departamento de Ciências Biológicas
Feira de Santana – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/2521953264550977>

RESUMO: O texto trata da importância da ação sutil de seres do reino feérico para a criação, manutenção e preservação da Ecosfera. Baseando-se em exemplos da literatura clássica, produzidas por contadores de histórias como Shakespeare, os irmãos Grimm e Yeats, observamos os diferentes papéis desempenhados por tais seres, bem como os ambientes onde são encontrados. Apresentamos uma breve incursão relativa ao aparato e às funções neurobiológicas da consciência no que tange à percepção da existência de fadas, elfos, gnomos e outros seres elementais que habitam diversas dimensões sutis e que, vez ou outra, fazem-se manifestados aos seres humanos. Contudo, compreendemos que, no atual estágio em que se encontra o desenvolvimento científico, as energias conscienciais como fadas e demais seres do reino feérico ainda não sejam

contempladas. Concluímos, assim, que para garantir a manutenção e resgate dos espaços ecológicos de nosso planeta, precisamos nos colocar em ressonância com as fadas e demais seres aliados que pertencem ao reino feérico, considerando os preceitos ético-ecológicos que partem da consciência do impacto de nossas ações na natureza, inclusive nos seres feéricos, e focam na manutenção das espécies, na distribuição social dos recursos e no consumo responsável.

PALAVRAS-CHAVE: Seres enteais. Ecologia profunda. Reino feérico. Gnose.

THE ECOSYSTEMIC FUNCTIONS EXERCISED BY FAIRIES AND OTHER BEINGS OF THE FAIRY KINGDOM

ABSTRACT: This text deals with the importance of the subtle action of beings from the fairy realm for the creation, maintenance and preservation of the Ecosphere. Based on examples from classical literature, produced by storytellers such as Shakespeare, the brothers Grimm and Yeats, we observe the different roles played by such beings, as well as the environments in which they are found. We present a brief incursion on the apparatus and neurobiological functions of consciousness regarding the perception of the existence of fairies, elves, gnomes and other elemental beings that inhabit different subtle dimensions and that, from time to time, are manifested to human beings. However, we understand that, at the current stage of scientific development, the consciencial energies such as

fairies and other beings from the fairy realm are not yet contemplated. Thus, we conclude that to guarantee the maintenance and recovery of the ecological areas on our planet we must put us in resonance with fairies and other allied beings that belong to the fairy realm, considering those ethical-ecological precepts that start from the awareness of the impact of our actions on nature, including on fairy beings, and having focus on the maintenance of species, on the social distribution of resources, and on responsible consumption.

KEYWORDS: Enteal beings. Deep ecology. Fairy realm. Gnosis.

INTRODUÇÃO

Nós que habitamos áreas urbanas convivemos geralmente com um entorno formado principalmente por edificações, em que a natureza assume um papel secundário: há algumas árvores que despontam em meio a calçadas, gramados de pouca extensão, algumas praças e, com sorte, algum parque nas proximidades. Quem tem, nessas condições, a oportunidade de aproveitar o parque é porque talvez tenha destinado parte da sua rotina para fazer exercícios físicos, caminhar com seu animal de estimação ou levar seus filhos para brincar ao ar livre – às vezes, tudo isso ao mesmo tempo.

Mesmo próximos à natureza, costumamos ter a mente muito ocupada. Raramente nos colocamos naquele estado de quietude, de contemplação, em que distraidamente olhamos para algumas dessas florezinhas que despontam inadvertidamente no meio da vegetação, podendo assim perceber seu brilho tênue, aquele seu colorido adicional e distinguir, em seus movimentos contínuos, os contornos de uma forma humana. Só então nosso campo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões fugazes que não podemos ligar de maneira precisa ao contexto percebido, mas que situamos imediatamente no mundo, pois não são meras divagações (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5-6). Esse é um dos raros momentos de maravilhamento em que poderemos ter pressentido a presença de uma fada.

Como salientado por Gaffin (2012, p. 24), “a sensibilidade [em vivenciar] às fadas fundamenta o indivíduo na Natureza. E tudo isso incorpora uma filosofia política e ambiental que talvez seja melhor descrita como um estilo místico de ecologia profunda”.

Para este autor, o Mundo das Fadas é um reino espiritual, não corpóreo, situado em outra dimensão da realidade onde as fadas e demais seres feéricos residem e de onde, às vezes, eles vêm para o plano corpóreo de existência dos humanos.

“Por muito tempo nos países celtas e na Escandinávia, fadas e seres espirituais de naturezas semelhantes eram comumente vistos e ouvidos. No entanto, a religião organizada ocidental, o discurso acadêmico e a modernidade – em sua difamação da crença nas fadas como ‘religião popular’, folclore ou superstição – e o desenvolvimento tecnológico / urbano – em sua destruição de habitats naturais e espaço selvagem contemplativo – diminuíram o número de pessoas que aceitavam as fadas como reais”. (GAFFIN, 2012, p. 16).

Andrews (2020, p. 7) diz que as informações sobre os reinos etéreos são abundantes e encontradas em todas as partes do mundo. Quer sejam eles chamados de Tir Nan Og, Neverland, Eden ou Avalon, as Hespérides, Elysium, Em Hain ou Terra Média; dos antigos sumérios aos antigos gregos, a existência de outros reinos lado a lado com o nosso é uma crença estabelecida. Muitas fadas trabalharam e conviveram com os seres humanos quando, como humanos, tínhamos uma conexão mais instintiva e intuitiva com toda a vida. Esses seres mais-que-humanos (HALLOWELL, 1960) nos ajudaram com as colheitas, ensinando-nos os ciclos lunares e solares de plantio. Eventualmente, porém, “os humanos pararam de ouvi-los: à medida que o mundo natural foi domesticado, as fadas que ele abrigou tornaram-se mais evasivas” (ANDREWS, 2020, p. 32).

O termo fada parece ser derivado do latim “*fatum*” ou “destino”, em reconhecimento à habilidade das fadas em prever e até controlar o destino humano. Na França, *feer* se referia à capacidade das fadas de alterar o mundo que os humanos viam – lançar um feitiço sobre a visão humana. De *feer* veio não apenas ‘taxa’, mas a palavra inglesa fada, que englobava tanto a arte do encantamento quanto todo o reino no qual as fadas existiam. *Fairy* e *fay* – outros derivados da palavra-mãe – referiam-se apenas a criaturas individuais (ANDREWS, 2020). Um termo comum em inglês para uma fada individual era elfo; isso veio das tradições e línguas escandinavas e teutônicas.

Hoje, classificamos as fadas de acordo com linhas mais simples. Muitos se referem a elas apenas como deusas. Isso vem do sânscrito, que significa “brilhar”. Este termo se aplica principalmente àqueles que trabalham nas e por meio das forças da natureza. Mais frequentemente, aqueles dos reinos das fadas são agrupados de acordo com seu nível dentro da hierarquia angelical. Isso inclui arcanjos, anjos, deusas, a multidão de fadas, elfos e anões e até mesmo os elementais na extremidade inferior da hierarquia. Hoje, esses seres são frequentemente chamados simplesmente de “espíritos da natureza”.

Vamos, então, nos colocar em ressonância com esse reino feérico para compreender um pouco quem são esses seres – fadas e também outros enteais que vivem no mesmo mundo etérico, sutil – e quais funções eles exercem no nosso planeta Terra. Para tanto, vamos partir de registros literários e vamos validar e justificar essa nossa escolha, com base em estudos atuais sobre a neurobiologia da consciência.

A razão para optar por esse tipo de registro reside em que nossas delimitações de campo são estabelecidas por nossas limitações biológicas. Em princípio, não enxergamos esses seres feéricos com nossos olhos físicos, mas com o terceiro olho. E como não costumamos utilizar esse recurso com suficiente conhecimento e habilidade, só nos resta afirmar que podemos enxergar esses seres com nossa intuição.

Em vista disso, nos fazemos auxiliar pelos artistas e visionários que conseguiram intuir a presença e comunicação desses seres com mais facilidade do que nós. Essa capacidade do artista de se deixar guiar por sua intuição é expressa por Shakespeare nos

seguintes versos:

O olho do poeta, num delírio excelso,
passa da terra ao céu, do céu à terra
e como a fantasia dá relevo
a coisas até então desconhecidas,
a pena do poeta lhes dá forma,
e a essa coisa nenhuma aérea e vácuo
empresta nome e fixa lugar certo (SHAKESPEARE, 1982, p. 172).

Recorremos, assim, a algumas obras clássicas da literatura, produzidas pelos contadores de histórias como Shakespeare, os irmãos Grimm e Yeats. Não se trata de apresentar mais uma reinterpretação literária desse material bibliográfico, mas de se compreender, a partir do registro desses textos, que efetivamente contamos, na nossa caminhada na Terra, com a existência de seres aliados que são incorpóreos.

Os citados mestres da literatura incluíram em suas vastas obras relatos do mundo feérico, dos quais destacamos três exemplos de atuação das fadas em momentos decisivos da vida humana e, por extensão, da vida de qualquer ser vivo, representativos de passagens iniciáticas, como o são o casamento – ritual simbólico da iniciação sexual ou do ato sexual –, o nascimento de um filho e a morte.

Em “Sonho de uma Noite de Verão” (SHAKESPEARE, 1982, p. 107-183), William Shakespeare [1564–1616] brinca com as relações tumultuosas entre seres humanos e entre estes e os seres feéricos, tendo como pano de fundo a paixão; no conto “A fada da represa do moinho” (GRIMM, 2013, p. 508-512), os irmãos Jacob Grimm [1785–1863] e Wilhelm Grimm [1786–1859] abordam, como um tema de responsabilidade ética, as consequências dos pedidos e da quebra de promessas, envolvendo relações que soem ser de extrema importância para os seres humanos, como aquela entre pais e filhos – no caso, com um filho único – e entre marido e mulher; e em “A morte de Hanrahan” (RIBEIRO, 2014, p. 69-71), o escritor irlandês William Butler Yeats [1865–1939] apresenta o processo de morte intermediado por uma fada, demonstrando com isso a relação intrínseca desta com a natureza.

A peça de Shakespeare apresenta, como personagens do Mundo das Fadas, Oberon, rei dos elfos, Titânia, rainha dos elfos, os elfos Flor de Ervilha, Teia de Aranha, Traça e Semente de Mostarda, Puck ou o Bom Robim, que é um espírito travesso, e mais outros elfos do séquito de Oberon e Titânia (SHAKESPEARE, 1982, p. 111).

Uma das fadas do séquito descreve Puck:

És tu que enleias de noite as raparigas das aldeias,

tiras do leite a nata e, de mansinho,
desajustas as peças do moinho;
fazes que a batedora de manteiga
se esbofe sem proveito e que a taleiga
de cerveja, por vezes, não fermente;
que ris às gargalhadas, de inclemente,
do viajante noturno exausto e lasso,
pós o teres transviado um bom pedaço.
Mas quem de meigo Puck e de trasguinho
te chama, a esse auxílias com carinho,
fazes que refloresça quanto é dele,
lhe dás suma ventura. (Ibidem, p. 127).

Puck age assim para agradar a Oberon, rei dos elfos, que teima em ficar implicando com Titânia, rainha das fadas, quando desta não consegue o que quer. Contudo, cansada dessas brincadeiras de mau gosto – que, portanto, são direcionadas não apenas aos humanos, mas também às fadas – Titânia, com seu séquito, parou de dançar pelos prados, colinas, bosques, fontes e praias. Com isso, os ventos sibilantes, em represália por não serem mais ouvidos pelas fadas, derramaram as margens das águas, provocando inundações. Resultou disso que o trigo ainda verde ficou podre, os currais se esvaziaram com as campinas alagadas e o gado, doente, serviu de alimento para os corvos (Ibidem, p. 128-129).

Shakespeare inclui nessa intrincada relação entre o rei e a rainha dos elfos o fato de tanto Titânia quanto Oberon estarem apaixonados por seres humanos que estão para se casar – Teseu e Hipólita. Nesse clima, Oberon então decide aprontar mais uma com sua rainha e pede que Puck busque uma florzinha chamada Amor Ardente, cujo suco, se despejado sobre as pálpebras de alguém, faz com que este fique loucamente apaixonado pelo primeiro que vir. Sua intenção é que Titânia se apaixone por qualquer animal que esteja pela floresta (Ibidem, p. 128 e 131).

Nisso também entram na floresta um grupo que vai ensaiar uma peça para o casamento, além de Hércules, que na ocasião vai se casar com Demétrio, mas é apaixonada por Lisandro, Helena, que é apaixonada por Demétrio, e os próprios Demétrio e Lisandro. Titânia, ao acordar com Amor Ardente nos olhos, vê Bottom, um dos atores e também tecelão, e se apaixona por ele. Diz-lhe que vai livrá-lo da mortal grosseria e transformá-lo num espírito aéreo. Para isso chama os silfos Flor de Ervilha, Teia de Aranha, Traça e Semente de Mostarda e lhes pede que o deem nas flores mimosas e o adulem. A graça está em que, antes disso, Puck havia transformado a cabeça de Bottom na de um burro (Ibidem, p. 145 a 148).

Ao mesmo tempo, Oberon e Puck também brincam com os quatro jovens que haviam adentrado na floresta, até conseguir que todos briguem e que Demétrio e Lisandro queiram travar duelo (Ibidem, p. 156-157). Mas Oberon, tendo conseguido de Titânia apaixonada (e atordoada) o que bem queria, que era a posse de um pajezinho que a acompanhava, desmanchou todos os encantos, fazendo crer aos outros dois casais que tudo não passara de pesadelos. Titânia, agora desperta, se assusta por ter-se apaixonado por um asno e se reconcilia com Oberon:

Vamos, amor; em caminho
Me relata com carinho
De que modo me encontre
A dormir neste contraste (Ibidem, p. 163-164).

Demétrio, ao acordar do que crera fosse apenas um mau sonho, descobre que toda sua paixão por Hércia se derreteria qual neve e decide casar-se com Helena, enquanto Hércia se casa com Lisandro (Ibidem, p. 166-167).

Ao final da peça, Titânia e Oberon abençoam com orvalho consagrado os nubentes, sua futura prole e suas moradias (SHAKESPEARE, 1982, p. 182-183). Esse fecho evidencia um dos papéis de Titânia, cujo nome foi extraído da obra “Metamorfoses” de Ovídio [43 a.C. - 17 d.C.], o qual a coloca como uma das personagens principais no repovoamento da Terra, após o dilúvio (VEIGA, 2017, p. 70).

Mas como têm lidado os seres humanos com essas bênçãos dos espíritos da natureza?

Os irmãos Grimm contam que, no vai e vem da vida, um moleiro que era rico tornou-se extremamente endividado e vivia angustiado com isso. Certa madrugada, ao chegar à represa do moinho, “partiu um ruído característico de ondulamento, de agitação na água.” (GRIMM, 2013, p. 508). Ele então percebeu no lago uma fada, assustou-se, mas ela o chamou pelo nome e ofereceu sua ajuda, nos seguintes termos: “Eu te tornarei mais rico e mais feliz do que eras, mas terás de prometer-me que me darás o pequeno ser que acabou de nascer em tua casa.” (GRIMM, *ibidem*). O moleiro aceitou a condição, sem refletir sobre seu verdadeiro significado.

Ocorre que a esposa do moleiro acabara de dar à luz um menino, e foi só ao saber dessa notícia que o moleiro compreendeu a troca que fizera. “De que me vale a riqueza, se tenho de perder meu filho? – concluiu.” (GRIMM, 2013, p. 510). Mas se absteve de fazer a escolha e de comunicá-la à fada. Resolveu a situação proibindo o filho de se aproximar da represa.

O filho ficou adulto e se casou. Contudo, um belo dia, ao chegar à represa durante uma caça, esse rapaz foi levado pela fada para o fundo do lago.

A esposa dele, ao reparar no seu sumiço e sabendo da história da fada, não teve dúvida do que havia ocorrido. Em seu desespero, ficou à beira do lago gritando desesperada pelo seu marido, até que, exausta, adormeceu e sonhou com uma velha de cabelos brancos que morava no cume de um monte.

Ao acordar, a moça foi ao local com o qual sonhara, encontrou a velha e foi orientada para voltar à beira do lago durante a lua cheia, com um pente de ouro. Esperou impacientemente por esse período da lua, fez o que a velha indicara e viu como, no momento em que a água levou o pente, surgiu rapidamente a cabeça de seu esposo.

Retornou à velha, que a aconselhou a proceder da mesma forma, levando na lua cheia seguinte uma flauta mágica de ouro. Quando a água levou a flauta, apareceu rapidamente o torso do rapaz.

Da terceira vez que esteve com a velha, esta recomendou que levasse para a beira do lago um fuso de ouro. Foi então que, ao descer o fuso para o fundo da represa, outra onda enorme trouxe para fora da água seu marido (GRIMM, 2013, p. 508-512).

Parecia que a promessa finalmente estava paga, mas não.

Os irmãos Grimm seguem contando que, mal o casal se afastou da represa, toda a água do lago se levantou, com um ruído ensurdecador, e separou o rapaz da moça, levando-os para longe um do outro. Cada qual se viu num povo distante, onde teve que pastorear para se sustentar, até que, após muitos anos, se reencontraram, mas não se recordaram um do outro. Contudo, numa noite de lua cheia, quando o pastor tocou sua flauta, a pastora lembrou-se da cena à beira do lago, e ambos se reconheceram (Ibidem, p. 512).

A espécie humana ocupa o planeta Terra junto com todas as demais espécies dos reinos animal, vegetal, mineral e também do reino feérico. Isso implica em acordos tácitos de boa vizinhança, de forma que todos sejam beneficiados por um ecossistema equilibrado. O que o conto “A fada da represa do moinho” nos mostra é que, quando o ser humano não somente burla esses acordos, como ainda fica pedindo por mais benefícios, torna-se necessário um ajuste.

A política ambiental adotada até o momento pelos governos reflete uma cultura preponderante dissociada dos princípios filosóficos que devem nortear o papel ecológico do ser humano. A economia mundial dispõe da posse de animais e vegetais sem refletir sobre seu verdadeiro significado, se abstendo de fazer escolhas conscientes. Mas se existe alguém que se sobrepõe a todas as espécies próprias do planeta Terra, é o espírito da morte.

Yeats nos conta que Hanrahan, já velho, passava os dias vagueando pela floresta ou sentado entre os juncos, observando as sombras nas poças castanhas dos pântanos. Sentia que começava a pertencer a outro mundo e percebia, às vezes, imagens e sons

inusitados, como um vai e vem de música que em seguida sumia de sua memória. Começou, então, a ouvir as seguintes palavras:

Sou bonita, sou bonita. Os pássaros no ar, as traças debaixo das folhas, as moscas sobre a água olham para mim, pois nunca viram ninguém tão bonita como eu. Sou jovem, sou jovem: olhem para mim, montanhas; olhem para mim, florestas a morrer, pois o meu corpo brilhará como as águas límpidas quando vocês tiverem sido arrasados. Vocês e toda a raça dos homens, a raça dos animais, a raça dos peixes e a raça dos pássaros estão a desaparecer como uma vela que está quase extinta. Mas eu rio-me alto porque estou na minha juventude (RIBEIRO, 2014, p. 66-67).

Hanrahan, embora sentindo-se muito pesado, decidiu seguir lentamente a dona dessa voz, uma mulher muito velha, cor da terra, com cabelos cinzentos suspensos em tufo, até sua cabana. Viu uma luz e tentou ir a seu encontro, mas escorregou e caiu deitado no pântano. Contudo, com coragem levantou-se e foi até a luz, na entrada da cabana da velha. Outras quatro velhas, que estavam lá dentro jogando cartas, discutiam e se amaldiçoavam, e Hanrahan comparou esse ruído ao de pessoas que falam mal de alguém que está próximo da morte (Ibidem, p. 67-68).

Hanrahan passava os dias deitado na cabana, sentindo-se cada vez mais fraco e sendo cuidado pela velha que ele seguira. Quando já se sentia sem fôlego, viu a velha transformar-se numa pálida e sombria noiva e percebeu que sua casa estava povoada de mãos pálidas e sombrias que seguravam o que poderia ser uma vela acesa para um casamento ou para os mortos. No dia seguinte, a velha se foi da cabana e, dois dias depois, os cortadores de trufas encontraram o corpo de Hanrahan no pântano (Ibidem, 2014, p. 69-71).

Esses contos nos auxiliam na percepção do que sejam as fadas, pois nos apresentam algumas de suas características, como sua aparência, seu meio ambiente, sua função. Vimos elfos, silfos, um trasguinho, que pode ser um duende ou outro espírito travesso, e seres feéricos da água e do pântano.

Eoin Neeson [1927–2011], historiador irlandês que se dedicou ao estudo da cultura celta, nos alerta que os contos de fadas não são apenas histórias infantis, pois, como mitologia, constituem-se num espelho da imagem que povos antigos tinham de si mesmos (NEESON, 2007, p. 9-10). Refletem a busca da verdade sob a perspectiva daquelas culturas centenárias ou até milenares (NEESON, op. cit., p. 10). Portanto, se estamos trabalhando com esse tipo de narrativa, é para extrair o conhecimento que esta encerra e detectar o que transmite de real.

É importante que nos desvinculemos da imagem que se tem atualmente das fadas, construída pelo mercado de entretenimento. Saíram dos contos dos irmãos Grimm fadas que tiveram sua identidade visual reformulada para atender às expectativas do público consumidor atual: todas do sexo feminino, ganharam corpos tão densos quanto os dos

seres humanos, com formas adultas, roupas glamourosas e personalidade complexa.

Mas, como seres incorpóreos que são, sua aparência na verdade é sutil, sem contornos muito definidos, como tudo o que pertence a seu reino. Em “A morte de Hanrahan” (RIBEIRO, 2014, p. 69-71), a transformação da velha em noiva é percebida por sua face e braços murchos irem se tornando cinzentos como terra e irem se desmanchando, para então saírem braços tão brancos como a espuma de um rio, que envolvem o corpo de Hanrahan (RIBEIRO, op. cit., p. 70).

Os irmãos Grimm descrevem fisicamente a fada da represa como “uma linda mulher emergindo lentamente do pequeno lago. Tinha cabelos longos, que ela afastava dos ombros com as mãos perfeitas, e caíam dos dois lados, cobrindo o corpo muito branco” (GRIMM, 2013, p. 508). Trata-se de uma imagem diáfana, formada principalmente por cabelos que poderiam estar refletindo o movimento das águas e do ar.

Arthur Rackham [1867–1939] foi um ilustrador inglês que, entre suas obras, produziu as ilustrações para a edição de ‘Sonho de Uma Noite de Verão’ de 1908. Na representação da rainha-fada Titânia e de seu séquito, “a diafaneidade, as asas de inseto, as orelhas pontiagudas e eclético anacronismo dos trajes parecem hoje tão apropriados a esses seres quanto o pareciam no início do século passado” (SOUZA, 2015, p. 188).

CRENÇA E CONSCIÊNCIA

Já observamos que dificilmente enxergamos esses seres feéricos com nossos olhos físicos. Por isso não os vemos quando estamos em estado de vigília, mas apenas estando profundamente relaxados. Podemos percebê-los com o terceiro olho, o que equivale a dizer que os captamos com nossa intuição. Para tanto, precisamos nos encontrar num estado particularmente aberto, que consiste em ter o sexto chacra, do terceiro olho, ativado e o resto da mente num estado relativamente calmo, focalizado (BRENNAN, 2008, p. 219).

Mas o ser humano não está acostumado a agir dessa forma. Nós olhamos o mundo ao nosso redor com nossos olhos físicos e fazemos inferências a partir das aparências. Nos acostumamos a ser extremamente racionais. Quando usamos nossa intuição, em geral nem nos damos conta da forma como ocorre esse processo. Na verdade, nem nos tornamos conscientes da ocorrência desse processo.

Estamos postulando que os seres feéricos são uma realidade que efetivamente impacta os ecossistemas, de forma que, além de descrevê-los, devemos observar sua interação com o ambiente. Eles trabalham para a manutenção da terra e seus vários ambientes, esperando por um maior grau de evolução de realização nos humanos. Por causa de seu nível de desenvolvimento e sua tarefa na vida, esses enteais estão destinados a sofrer as consequências dos maus tratos da humanidade ao meio ambiente. Assim, um riacho poluído afetará tais seres, envenenando-os e muitas vezes desfigurando-os, pois

estão ligados ao carma e aos efeitos dessa poluição (ANDREWS, 2020).

Os registros sobre sua existência e atuação devem ser, portanto, pesquisados à luz de diferentes áreas do saber. Mas o grande empecilho para a investigação desse objeto está, conforme dissemos, nas nossas limitações biológicas. Devido a essa falta de aptidão da visão humana para distinguir a existência de outros reinos lado a lado com o nosso, a ecologia profunda como um estilo místico é considerada uma crença que a religião organizada ocidental, o discurso acadêmico e a modernidade fazem equivaler a ‘religião popular’, folclore ou superstição, conferindo a estes termos e expressão um sentido pejorativo.

Desse modo, para compreender as fadas e demais seres feéricos, devemos também buscar compreender o olhar do observador, que diz respeito à nossa própria consciência e subjetividade, e distinguir a partir daí os conceitos de crença e de consciência. Para além do significado de crença na linguagem coloquial, existe o conceito de crença em termos culturais:

Um sistema de crenças reúne crenças e valores compartilhados por uma determinada cultura, que definem nesse conjunto, um modo específico de perceber o mundo social, cultural, físico e psicológico, o qual afeta diretamente nosso estado de consciência e nossa compreensão daquilo que formulamos como realidade. A maneira como compreendemos o real e os adjetivos que a ela atribuímos é construída em nosso sistema de crenças. (AZEVEDO; LEMOS, 2017, p. 238).

O que Gilson Azevedo e Carolina Lemos nos fazem enxergar a partir dessa definição do sistema de crenças é que, uma vez que este define o olhar do observador, a religião organizada ocidental, o discurso acadêmico e a modernidade avaliam a ecologia profunda a partir de suas crenças e valores compartilhados, os quais conformam suas próprias visões da realidade, e a qualificam com base em sua percepção da alteridade. Dessa forma, para dialogar com essas parcelas da sociedade, devemos buscar em sua concepção de mundo as áreas fronteiriças que possamos contatar. Cremos que essa interação possa se dar com a discussão do que seja consciência, abordada em estudos atuais da área de neurociência.

De fato, uma vez que os enteais têm corpo sutil, são frequentemente definidos em termos conscienciais. “As fadas são representantes daquela consciência-energia permanente que subjaz a todas as formas fenomênicas da vida. Este é o âmbito da Deusa Mãe.” (CAMPBELL, 2015, p. 268). As palavras de Joseph Campbell nos introduzem numa área ainda pouco desbravada pela ciência, que é a dos mistérios da consciência. Então, para situar as fadas no campo da realidade, devemos definir os parâmetros pelos quais nos relacionamos com elas, no campo da consciência.

Podemos começar pela voz do discurso acadêmico e da modernidade, dando uma olhada na cronologia sobre pesquisas em Neurociências, realizada por Eric Chudler,

para verificar como se deu o rumo das pesquisas nessa área e em que ponto estamos (CHUDLER, 2021):

Platão (387 a. C.) e Aristóteles (335 a. C.) foram os primeiros a discorrer sobre o processo mental e a refletir se este se sedia no cérebro ou no coração. Nemésio (circa 390) desenvolveu a doutrina da localização do ventrículo de todas as funções mentais. Andreas Vesalius (1543) estudou a glândula pineal, assim como também o fez René Descartes (1649), que descreveu sua função como centro de controle do corpo e da mente. Pouco antes, Robert Burton (1621) publicou “A Anatomia da Melancolia”, sobre a depressão. John Locke (1696) escreveu o “Ensaio sobre o Entendimento Humano”. Mesmer (1774) introduziu o conceito de magnetismo animal, que depois foi denominado hipnose. Eduard Zeis (1838) publicou um estudo sobre os sonhos de pessoas cegas. James Braid (1843) cunhou o termo ‘hipnose’. William Benjamin Carpenter (1853) propôs o ‘gânglio sensorial’ (tálamo) como sede da consciência. Charles Darwin publicou “A Origem das Espécies” (1859) e “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais” (1872). Richard Caton (1875) foi o primeiro a registrar a atividade elétrica do cérebro. David Ferrier (1876) publicou “As Funções do Cérebro”. Wilhelm Wundt (1879) criou um laboratório dedicado a estudar o comportamento humano. Emil Kraepelin (1883) cunhou os termos neurose e psicose. Charles Scott Sherrington (1897) cunhou o termo sinapse. Sigmund Freud (1900) publicou “A Interpretação dos Sonhos”. Alois Alzheimer (1906) descreveu a degeneração pré-senil. Karl Jaspers (1909) publicou “Doenças Mentais Gerais”. Henry Head (1920) publicou “Estudos sobre Neurologia”. No mesmo ano, Stephen Walter Ranson demonstrou as conexões entre o hipotálamo e a glândula pituitária, e John B. Watson e Rosalie Rayner publicaram experimentos sobre o clássico condicionamento do medo, com base em experimento efetuado com o pequeno Albert.

Continuando com a cronologia de Chudler (2021), Edgar Douglas Adrian e Charles S. Sherrington ganharam o Prêmio Nobel de 1932 com seu trabalho sobre a função dos neurônios. Eugene Roberts e J. Awapara (1950) identificaram o neurotransmissor GABA no cérebro. Eugene Aserinski e Nathaniel Kleitman (1953) descreveram o movimento rápido dos olhos durante o sono. L. Leksell (1956) examinou o cérebro com ultrassom. John Carew Eccles, Alan Lloyd Hodgkin e Andrew Fielding Huxley dividiram o Prêmio Nobel de 1963 pelo trabalho sobre os mecanismos da membrana celular dos neurônios. Alexander Romanovich Luria (1968) publicou “A Mente e a Memória”. Julius Axelrod, Bernard Katz e Ulf Svante von Euler dividiram o Prêmio Nobel de 1970 por seu trabalho sobre neurotransmissores. Choh Hao Li e David Chung (1976) publicaram um artigo sobre a beta-endorfina. Roger Guillemin e Andrew Víctor Schally dividiram o Prêmio Nobel de 1977 por sua pesquisa sobre peptídeos no cérebro. Roger Wolcott Sperry ganhou o Prêmio Nobel de 1981 por seu estudo sobre as funções dos hemisférios cerebrais. John O’Keefe, Edvard Moser e May-Britt Moser dividiram o Prêmio Nobel de 2014 por suas descobertas sobre as células que

constituem no cérebro o sistema para orientação espacial.

Esse longo percurso foi trilhado ora por médicos que se detiveram no estudo dos órgãos físicos, ora por filósofos e psicólogos que buscaram desvendar os aspectos mentais, e tem continuado com aportes cada vez maiores de recursos e de contribuições científicas. Mas o caminho rumo à conexão mente-cérebro e, paralelamente, rumo ao binômio consciente-inconsciente ainda é longo e pouco explorado, e depende da capacidade dos pesquisadores de ampliarem cada vez mais seus campos de estudo. Rubem Alves [1933–2014] dizia a esse respeito:

A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. Um animal que só desenvolvesse e especializasse os olhos se tornaria um gênio no mundo das cores e das formas, mas se tornaria incapaz de perceber o mundo dos sons e dos odores. E isto pode ser fatal para a sobrevivência. (ALVES, 1981, p. 8-9).

Vamos pinçar desse grande arcabouço algumas hipóteses sobre a nossa natureza inconsciente. Acreditemos ou não, a espécie humana possui uma conexão natural com o reino feérico. Afinal, somos uma das formas fenomênicas da vida que trazem subjacente a consciência-energia representada pelos enteais. “As fadas são as forças naturais da região, e a razão do encanto e fascínio que exercem é que a natureza delas e a nossa natureza inconsciente, profunda, é a mesma.” (CAMPBELL, 2015, p. 268). Tal natureza profunda é definível e pode se tornar acessível: “o banco completo de memórias adquiridas pelo indivíduo (e todas suas combinações possíveis), constitui ‘o inconsciente’”. (RIBEIRO, 2013, p. 14). Sidarta Ribeiro (2013) nos explica que esses estudos são ainda recentes, visto que “o inconsciente foi completamente intangível por muitas décadas após sua concepção. Hoje, a investigação do processamento cerebral inconsciente constitui um importante programa de pesquisa” (FANG; HE, 2005; GAILLARD et al., 2009 apud RIBEIRO, op. cit., p. 15).

Dr. Ronald Fiuza, neurocirurgião, nos explica que a consciência engloba os estados de vigília, de atenção, de percepção, o pensamento e algo mais (FIUZA, 2011, p. 35). Vemos que entram aí conceitos que já utilizamos, como os de vigília e de percepção. Contudo, não podemos equiparar a consciência à mente, nem podemos utilizar esses termos como sinônimos, pois a mente “é conhecida por abranger todas as funções desempenhadas pelo cérebro (conscientes e inconscientes). É como se a mente fosse a congregação de todas as informações, sendo a consciência a ‘noção’ de algumas destas informações” (FIUZA, 2011, p. 36). Ou seja, no âmbito da mente, existem noções de algumas informações cujo conjunto denominamos consciência, e um enorme ponto cego denominado inconsciente. O que se encontra nesse ponto cego é o que os seres humanos, com base em seus próprios olhares de observador, afirmam que não existe, que não compõe a realidade.

Devemos considerar que o ser humano, em seu processo de socialização, é moldado

pela civilização a que pertence, à qual geralmente procura se ajustar conscientemente. Ou seja, desde o início o ser humano se molda a um sistema de crenças que se constitui nuns óculos que o fazem enxergar a realidade dentro de certos parâmetros previamente definidos. Isso ocorre a partir da primeira infância. “Dois conceitos intimamente associados à obra freudiana são a repressão inconsciente e a supressão consciente de memórias.” (RIBEIRO, 2013, p. 14). Quem não se ajusta convenientemente, corre o risco de ser visto como desajustado. Daí que Fiuza ressalte que “a consciência é um fenômeno pessoal e representa uma propriedade de nosso corpo, provavelmente do cérebro. Entendemos ainda que seu conteúdo é variado, englobando percepções, pensamentos, memórias, emoções e todo tipo de cognição” (FIUZA, op. cit., p. 36). Assim, também estão incluídas no universo da consciência as emoções de que temos consciência.

Estamos definindo consciência como o caminho para vislumbrar o que possa ser nosso enorme ponto cego, que é o inconsciente. Mas já encontramos dificuldades no estudo da consciência sob os parâmetros científicos usuais, pois tanto esta quanto a mente não podem ser estudadas diretamente.

António Damásio também se debruça sobre a consciência, buscando-a desde suas origens. Ele afirma que “tornamo-nos conscientes quando internamente nosso organismo constrói e exhibe um tipo específico de conhecimento sem palavras – o conhecimento de que nosso organismo foi mudado por um objeto” (DAMÁSIO, 2015, p. 140). Esse é o momento de consciência em que ainda não houve a escolha entre manter ou reprimir a experiência, mas apenas vive-se ela. Contudo, nesse mesmo momento, a aquisição desse conhecimento ocorre junto com a exibição interna destacada do objeto, o qual se dá inicialmente na forma de um sentimento (DAMÁSIO, op. cit.). Damásio denomina esse processo de “produção da consciência central” e o apresenta como a seguinte hipótese:

A consciência central ocorre quando os mecanismos cerebrais de representação geram um relato imagético, não verbal, de como o próprio estado do organismo é afetado pelo processamento de um objeto pelo organismo, e quando esse processo realça a imagem do objeto causativo, destacando-o assim em um contexto espacial e temporal. (DAMÁSIO, 2015).

Damásio esclarece que não se pode afirmar que o ser humano se diferencie das espécies não humanas pela consciência central. Esta se situa “acima, mas não muito distante, de outras capacidades fundamentais, como ação, emoção e representação sensorial” (DAMÁSIO, op. cit., p. 249). Mas, acrescenta esse neurocientista, para além da consciência central, encontra-se a consciência ampliada, que “vai além do aqui e agora da consciência central, em direção tanto ao passado como ao futuro” (Ibidem, p. 161). Se temos dificuldade de viver no presente, de viver um dia a cada dia, é porque a consciência ampliada expande nosso contexto espaço-temporal. A consciência ampliada, para o autor, “só faz crescer com a evolução e com as experiências que cada indivíduo tem ao longo

da vida”. Ela é, portanto, cumulativa. Nos permite interconectar uma gama enorme de entidades e eventos para construir nossa própria perspectiva individual (DAMÁSIO, *ibidem*, p. 163).

Mas voltemos ao inconsciente. Fiuzza recorda que Freud separou consciente de inconsciente, incluindo, ainda, um estágio intermediário – o pré-consciente, e indicou que o material reprimido não é suprimido, nem permanece latente, mas busca emergir. “Apresentou assim uma proposta de funcionamento ‘dinâmico’ do inconsciente, caracterizando-o como produto de conteúdos recalçados, cujo acesso ao pré-consciente fora até então negado. Os conflitos se submetem às regras dessa dinâmica de defesas e censuras” (FIUZA, 2011, p. 77). Ocorre que, longe de ser dominado, o inconsciente tem primazia sobre a consciência e, mesmo que Freud tenha sido contestado por outros psicanalistas e filósofos, hoje em dia “todos concordam com a conhecida metáfora de que a consciência é apenas a ponta do iceberg e que a maioria dos processos mentais encontra-se mesmo abaixo do nível da água” (FIUZA, 2011, p. 78). Afirmar, então, que a natureza das fadas é a mesma da nossa natureza inconsciente, profunda, significa dizer que, se não a enxergamos, é porque também não enxergamos o que há embaixo da água, a não ser que mergulhemos e, assim, eliminemos parte desse enorme ponto cego.

Nosso inconsciente cognitivo engloba muito da realidade à nossa volta e inclusive nós mesmos. Como exemplo, normalmente ele abrange o funcionamento do nosso corpo, do qual não temos consciência alguma. Contudo, é possível trazer para a consciência a informação sobre o funcionamento do organismo próprio e de outras pessoas. Barbara Ann Brennan compartilha suas experiências de visão interior e ensina como estabelecê-la. Ela conta: “Comecei a ‘ver’ meus clientes por dentro”, e define esse fenômeno como “a versão humana dos raios X ou do processo de ressonância magnética nuclear” (BRENNAN, 2008, p. 219).

Fiuzza segue lembrando que também são inconscientes, para as pessoas em geral – inclusive nós mesmos – nosso sistema imunológico, nossa memória genética, a posição de nossas articulações, o grau de contração de nossos músculos, e mesmo determinados estímulos que não são considerados importantes, como alguns sons contínuos ou muito frequentes que estão presentes, mas não escutamos (FIUZA, *op. cit.*, p. 79-80).

A partir do conceito de Damásio sobre consciência central, podemos interpretar a afirmação de Campbell sobre as fadas serem representantes da consciência-energia permanente que subjaz a todas as formas fenomênicas da vida (CAMPBELL, 2015, p. 268). Podemos sentir esses seres, assim como sentimos a presença de plantas e animais, e podemos ou não lhes voltar nossa atenção. Contudo, não podemos limitar a compreensão de como ocorre nossa percepção ao estágio em que se encontram atualmente os estudos sobre consciência. Deduzimos, então, que as fadas e os demais seres do reino feérico são energias conscienciais que ainda não podem ser compreendidas dentro dos limites

do campo de experimentações científicas. Isso não faz com que eles sejam relegados ao espaço das crenças como “crendice que é a crença sem senso crítico” (AZEVEDO, 2017, p. 238). Lembramos que estamos numa área fronteira de sistemas de crenças, tanto quanto de pesquisas de ponta sobre o intangível. E, além disso, incluir as fadas e demais seres feéricos no ponto cego do inconsciente nos abre um mundo de possibilidades, como a que postulamos, qual seja, que esses enteais são uma realidade que efetivamente impacta os ecossistemas. Portanto, estamos querendo apenas induzir à reflexão sobre o vasto mundo existente além dos limites do que é usual. E se para os discursos acadêmico e da modernidade esses seres ainda são considerados forâneos, isso não pode, contudo, implicar na afirmação de sua inexistência.

PASSEANDO PELO MUNDO DAS FADAS

Vamos reunir mais alguns registros sobre os seres feéricos e sua interação com o ambiente, para apreender o que for possível de suas imagens, considerando que sua realidade sutil não se situa dentro dos parâmetros usuais do nosso campo da consciência, mas que nossa interpretação não pode prescindir deste.

Os contos que selecionamos já nos ajudaram a nos apropriarmos um pouco do espaço que as fadas habitam. Elas estão, em princípio, presentes na natureza, nos reinos vegetal e mineral. São encontradas, conforme vimos nesses contos, nos bosques, florestas, pântanos, rios e lagos. Mas, na verdade, podem estar em qualquer lugar, pois o mundo feérico encontra-se no espaço etérico, sutil, de nosso mundo, “está apenas uma dimensão abaixo do mundo visível; ele está em toda parte” (CAMPBELL, 2015, p. 268).

O cenário do pântano, relatado por Yeats em “A morte de Hanrahan”, torna o evento crível, pois, nesses ambientes mais úmidos, torna-se mais fácil perceber os seres elementais, como as fadas. Isso ocorre devido ao fenômeno de refração da luz através da água. Por isso, se existem alguns locais em que mais facilmente se tem acesso ao reino feérico, estes se situam geralmente nas proximidades ou em meio a espelhos de água. Campbell menciona a existência de Avalon, “terra feérica localizada no mar do oeste”, que ele denomina de ilha das fadas e cujo nome, segundo explica, estaria etimologicamente relacionado a ‘maçãs’ (Ibidem, p. 277). Outras denominações de terras das fadas são: Tir Nan Og, uma terra mágica de eterna felicidade onde ninguém envelhece, o sol nunca se põe e a chuva nunca cai (MINEY, 2014, p. 4); Elysium, que no poema “Serenade”, isto é, ‘Serenata’ (1833), de Edgar Allan Poe [1809–1849], é percebida no oceano durante a noite calma e silenciosa, como um espaço mitológico grego paradisíaco, com Endímio e as sete filhas de Atlas (POE, 2014); a Ilha da Fada (1841), também descrita por Poe como uma pequena ilha encantada no meio de um riacho, de um lado envolta em um sentimento profundo de vida e alegria, plena de movimentos, do outro, em ideias de tristeza mortal pela morte das fadas, após o breve ano de sua vida (POE, 2019); e muitas outras que têm

sido registradas em diferentes regiões do mundo, por artistas e místicos que enxergaram o numinoso durante suas inspirações.

Foi Paracelso [1493–1541] quem, pela primeira vez, descreveu os gnomos e os duendes como Elementais da Terra. A palavra gnomo advém do grego *genomos*, que poderá traduzir-se como da terra; já a palavra *duende* é uma abreviação de *dono da casa* (ABALADA, 2009).

O domicílio dos gnomos são as matas fechadas, rochas e margens das lagoas. Como seus corpos são feitos de substância etérea fina, conseguem atravessar os corpos sólidos como nós atravessamos o ar. Cuidam das flores e plantas, árvores e arbustos. São atraídos por pessoas amáveis e dóceis. Brigas, desordem e desarmonia são um suplício para eles. Seu tamanho varia entre 40 e 100 cm e sua aparência assemelha-se à dos humanos.

Os contos que mencionamos também nos mostram um pouco da função das fadas. Ao assumirmos a existência do reino feérico nos ecossistemas, podemos passar a identificar as atividades ou funções realizadas por seus integrantes e, conseqüentemente, também a contribuição destes para determinadas propriedades dos ecossistemas, das quais podem ser destacadas a capacidade de recuperação do sistema após perturbações, a resiliência e a decomposição (NUNES-NETO, 2013, p. 51). Nesse sentido, a partir das considerações apresentadas por Nunes-Neto sobre o conceito de função, definimos esta, para a finalidade deste estudo, como a capacidade que os elementos integrantes do reino feérico, ou seja, cada um dos elementais, têm de cumprir um ou mais papéis definidos que os caracterizem (NUNES-NETO, op. cit., p. 61).

Paracelso também registrou que cada árvore tem sua hamadriada, cada flor tem sua fada e cada erva, seu gênio (PARACELSO, 2005, p. 68). Dessa forma, uma das funções das fadas, das hamadriades e dos gênios é acompanhar e proteger esses vegetais, como se fossem, digamos, seus anjos da guarda. De fato, podemos intuir a influência das fadas e de outros seres que pertencem ao mesmo reino, na construção da natureza e manutenção dos espaços ecológicos, como demonstrado no trecho abaixo:

Quando a samambaia floresce ou seus brotos surgem, ela emite uma luz maravilhosa. Ela cintila como o ouro, e seu brilho é incandescente. Seu tempo de florir é às vésperas do dia de São Jorge ou no solstício de verão (e às vezes no Natal, Pentecostes, véspera de Ano Novo, dia da Santíssima Trindade ou véspera do dia de São Tomé), mas a flor não pode ser vista ou arrancada, porque o diabo a pega imediatamente, ou então uma fada ou um passarinho a toma antes de qualquer ser humano, ou ainda porque, ao florescer, a samambaia emite um brilho cálido que faz as pessoas adormecerem. Ocasionalmente, a flor permanece fresca apenas por alguns momentos, para logo murchar e desaparecer. Também é difícil obter esporos de samambaia, pois eles caem de imediato e só podem ser colhidos sobre a toalha de Natal ou a Bíblia Sagrada. Mas quem conseguir alguma vez surpreender a flor se

tornará um sábio onisciente, ou compreenderá a linguagem dos animais e pássaros, assim como dos estrangeiros e até de bruxas transformadas em suínos ou gado. (BABAI et al., 2014, p. 226-227. Tradução nossa).¹

O conto “A fada da represa do moinho” também nos indica a ligação das fadas com as fases da lua. Os povos tradicionais sabem da “influência da lua nos seres humanos, animais e as plantas durante todo o seu ciclo de vida, seja na saúde, reprodução e produção de alimentos.” (MORAES, 2016, p. 171). Assim, em seu papel de protetores e mantenedores dos ecossistemas, os enteais atuam em harmonia com os ciclos lunares. Varner (2007, p. 17), ao coletar um amplo registro de dados para efetuar seu estudo de mitologia comparativa, reunido no livro “Criaturas na Névoa”, destacou, dentre as narrativas, que as fadas de cabelo verde adoram festejar, à luz da lua, nos poucos mananciais sagrados que há no oceano. Da mesma forma, o avô das fadas marinhas ou sereias gosta de se sentar à luz do luar para pentear seus longos cabelos verdes e sua barba. Ele é considerado um perigoso espírito da água, porque pode se metamorfosear e afogar as pessoas que nadam ao meio-dia ou à meia-noite (Ibidem, p. 18). Já na Grã-Bretanha, as florestas são os lugares preferidos das fadas, e nas claras noites de luar elas e os elfos dançam de mãos dadas ao redor das árvores, fazendo crescer a relva a seus pés e formando círculos verdes chamados ‘anéis de fada’ (Ibidem, p. 50). Lembremos que Titânia e seu séquito dançavam pelos prados, colinas, bosques, fontes e praias, com a função de garantir o equilíbrio das águas, nas cheias e vazantes, das produções agrícolas e da saúde dos animais.

O título da obra de Varner define por si só a aparência sutil, sem contornos definidos, de tudo o que pertence ao reino feérico, de forma que poderíamos chamar a esses seres ‘criaturas da névoa’, mas também realça o fato de que os vemos mais facilmente, como já dissemos, quando há na atmosfera maior concentração de vapor aquoso. É claro que a ótica explica esse fenômeno. Mas podemos ampliar o nosso olhar, conforme nos ensina Rubem Alves:

A psicologia tradicional pensava que a sua lagoa só continha peixes que nadavam nas águas do consciente e do racional. Quaisquer fenômenos que se desviassem da consciência e da racionalidade eram simplesmente classificados como perturbações irrelevantes, que não deviam ser levadas em consideração. Ela se comportava frente aos fenômenos mentais da mesma forma como um ouvinte de música se comporta, com o seu rádio de ondas curtas ligado. Junto com a música aparece uma série de bips curtos, que não são fala, nem música, nem coisa nenhuma. Ele ignora os tais ruídos

¹ When the fern flowers, or the bud pops open, it emits a wonderful light. It glitters gold, and shines as if glowing. The time of flowering is the eve of Saint George's day or Midsummer Day (sometimes it is Christmas, Pentecost, New Year Eve, Holy Trinity day, or the eve of St Thomas's day), but the flower cannot be seen or cannot be taken off, because the devil takes it immediately, or a fairy or a little bird picks it before men, or because the fern emits a warm glow upon flowering, which makes people fall asleep. Sometimes the flower stays fresh only for moments, then withers and vanishes. It is difficult to obtain fern seeds, too, because the seeds fall immediately, and can be caught only in the Christmas tablecloth, or on the Holy Bible. One who once caught sight of the flower will become an omniscient sage, or will understand the speech of animals and birds, of foreigners, and even of witches turned into hogs or cattle.

e concentra sua atenção na bela ópera que ouve [...]. Outro ouvinte, que conheça código morse, pode perceber que aquilo que o amante da música escutou sem “dar olvidos” é uma importante mensagem (ALVES, 1981, p. 77-78).

Outra função das fadas é a decomposição. A fada da morte é retratada por Yeats como uma velha cujo aspecto mimetiza a natureza circundante. Ela representa o ciclo da natureza, que para sua manutenção, engloba a morte, ou seja, a decomposição da matéria.

Nos contos que vimos podemos perceber também o grau de influência desses seres feéricos na vida dos seres humanos. Eles podem pregar peças, negociar e até ameaçar, quando os seres humanos não cumprem seus acordos com eles, mas eles são, em princípio, nossos colaboradores e aliados. Podemos inferir daí que, nesse caso, sua função é de auxiliar no equilíbrio das relações entre os diversos seres que compõem o ecossistema, incluído o ser humano. Por outro lado, mesmo quando encarnam essa personalidade picaresca, os seres feéricos tendem a apresentar aspectos de nobreza. “Nobres são, também, algumas das mais célebres dentre suas contrapartes masculinas que, embora em menor número, figuram igualmente na literatura do medievo – é o caso do rei feérico Oberon, personagem do poema épico *Huon de Bordeaux* (séculos XII-XIII)” (SOUZA, 2015, p. 190). Temos então que a personagem de Shakespeare, rei dos elfos, já era uma fada masculina conhecida em séculos anteriores, e sua nobreza em “Sonho de uma noite de verão” é evidenciada pelo fato de ele ter auxiliado os quatro jovens que estavam confusos a harmonizar suas relações afetivas.

De fato, essas obras literárias, assim como os contos de fadas em geral que contenham seres feéricos, enfocam em suas mensagens a necessidade de manutenção do equilíbrio entre todos os seres e entre estes e seus espaços ecológicos, no que inclusive é, atualmente, um momento decisivo para o planeta: ou restauramos os espaços degradados, ou perecemos com eles. Elas nos ensinam que as fadas e demais seres que pertencem ao reino feérico são os protetores desses espaços e que, portanto, precisamos nos colocar em ressonância com eles para ajustar o impacto de nossas ações na natureza e nesses próprios seres feéricos, em prol da manutenção das espécies, com uma melhor conservação e distribuição social dos recursos naturais.

Apenas à guisa de exemplo, muitas plantas consideradas ervas daninhas, que são erradicadas com uso de venenos nos cultivos extensivos para exportação, são na verdade grandes remédios para a humanidade e para outros seres. A corda-de-viola (*Ipomoea* cf. *grandifolia*), por exemplo, é utilizada no preparo do floral de Minas denominado Ipomea (SILVA, 2018, p. 19). Com a tiririca (*Cyperus rotundus*), produz-se um preparado homeopático utilizado em agroecologia (DUTRA et al., 2014). E o caruru (*Amaranthus viridis*) é a matéria-prima da produção de um fitoterápico catalogado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2006). Enxergar essas plantas fora do sistema de crenças prevalecente, que as considera apenas ervas que afetam a produtividade de espaços econômicos, amplia

nossa percepção da função das fadas na manutenção dos espaços ecológicos.

Vimos citando de forma genérica os outros seres do mundo feérico que existem além das fadas, mas, dentre todos esses elementais, cada agrupamento possui características e funções ecossistêmicas próprias que também mereceriam descrições detalhadas.

De acordo com Abalada (2009), os quatro elementos que constituem o universo (Terra, Água, Fogo e Ar) estavam já presentes muito antes de o homem ter sido criado e, inclusivamente, o pensamento gnóstico e o cabalístico reconhecem a sua grande importância. Os espíritos elementais constituem uma ordem de evolução que corre paralelamente, ainda que combinada, à própria evolução humana. A sua principal característica é viverem num espírito coletivo, formando uma “alma de grupo”. No entanto, quando morrem, rompem esse elemento grupal. Por isso, carecem de uma alma imortal, assunto que foi abordado com apreensão pelos teólogos de toda Europa nos séculos XVI e XVII (ABALADA, 2009).

Para aquele que crê nos espíritos da Natureza, não existe *matéria sem vida* em nenhuma parte do mundo criado. Assim sendo, toda a rocha ou pedra (o mundo mineral) palpita vida, com a sua respectiva consciência, por mais minúscula que seja. As árvores e as plantas (o mundo vegetal) pulsam ao menor contacto de pequenos agentes, cujos corpos magnetizados atuam como a matriz a partir da qual se tornam possíveis os milagres do crescimento e da cor. Quando compreendermos e partilharmos a exuberância vital da Natureza, os seus seres elementais transformar-se-ão em verdadeiros e amistosos colaboradores e, na sua companhia, poderemos abarcar a missão que nos cabe. (ABALADA, 2009, p. 125).

Conforme já afirmamos, partimos do conceito de função de Nunes-Neto (2013) para definir como funções dos elementais – entidades integrantes do reino feérico – o cumprimento dos papéis que os caracterizam, conforme a capacidade de cada um deles. E essas funções, como vimos, abarcam o cuidado com toda vida presente nos reinos animal, vegetal e mineral. Contudo, compreendemos que, no atual estágio em que se encontra o desenvolvimento científico, as energias conscienciais como fadas e demais seres do reino feérico ainda não sejam contempladas.

[...]. O cientista natural comum investiga os fenômenos externos da Natureza e, provavelmente, imagina conseguir conhecer, dessa maneira, todos os seus tesouros. Contudo, existem outros pesquisadores além destes, os quais se embrenham profundamente no interior da Natureza, passando a conhecer os reinos ocultos por detrás de seu véu. Lá, nada encontram de 'sobrenatural'; deparam-se, sim, com coisas pertencentes a uma oitava superior à nossa no grande realejo da Natureza, de cuja existência nem suspeitam aqueles eruditos ocupados em fazer ciência unicamente a partir da manipulação do aspecto físico-material. Porém, àquele que explorou o reino situado nas profundezas da Natureza abre-se também um mundo novo, de riqueza inestimável. [...]. (HARTMANN, 2013, p. 62-63).

Claro que, a depender das intenções que manifestem os que busquem essas

informações, poderão não encontrar evidência alguma. Os dirigentes das matas reconhecem quem se aproxima com amor ou interesse egoístico através de sua vibração. Para entrar em contato com eles, devemos sentir-nos em sincronicidade com o mundo feérico. Pois já referimos que esses seres sofrem as consequências dos maus tratos da humanidade ao meio ambiente, como a poluição, que os envenena tanto quanto a Deusa Mãe que representam, e que é a consciência-energia permanente que subjaz a todas as formas fenomênicas da vida. É em razão disso que muitos dos gnomos, devido a imitar os humanos, tornaram-se distorcidos e de aspecto desagradável. Tornaram-se malignos e tramam ciladas contra os humanos, como reflexo do que os humanos têm sido.

Portanto, para abraçar a filosofia política e ambiental como um estilo místico de ecologia profunda, para garantir a manutenção dos espaços ecológicos de nosso planeta, precisamos reconhecer a presença desses seres aliados que pertencem ao reino feérico, como as fadas, sátiros, gnomos, elfos, ninfas, ondinas, etc. Mas esse trabalho de resgate do meio ambiente, por dever ser realizado com preceitos ético-ecológicos que ampliem nossa percepção do que é necessário para sua efetiva consecução, deve também incluir a reflexão sobre o modelo econômico que devemos perseguir de agora em diante.

CONCLUSÃO

Concluimos, assim, que para garantir a manutenção e resgate dos espaços ecológicos de nosso planeta, precisamos nos colocar em ressonância com as fadas e demais seres aliados que pertencem ao reino feérico, considerando os preceitos ético-ecológicos que partem da consciência do impacto de nossas ações na natureza, inclusive nos seres feéricos, e focando na manutenção das espécies, na distribuição social dos recursos e no consumo responsável.

Resumindo, neste percurso sobre as fadas e outros seres feéricos descobrimos quem eles são, como podemos percebê-los, onde vivem e que funções ecossistêmicas exercem no planeta Terra.

Refletimos também sobre as formas que temos de percebê-los, tendo em vista o funcionamento de nossa consciência. Naturalmente, dada a natureza de nosso objeto de estudo, encontramos dificuldades de toda ordem para obter informações válidas e por isso tivemos que nos basear em registros literários. Bem que desejaríamos possuir a habilidade necessária para observar diretamente o reino feérico e interagir com ele, utilizando nossa consciência expandida.

Esperamos seguir evoluindo em nossas capacidades conscienciais para poder dar seguimento a esse trabalho de investigação do reino feérico e servir de inspiração para quem se proponha a colaborar no mesmo sentido.

E vamos lembrar que aquelas florezinhas que chamamos de mato ou erva daninha

podem ser utilizadas como medicamentos fitoterápicos, homeopáticos e florais. O contato com cada um desses elementos nos serve de instrumento de harmonização própria e de nosso entorno, e os elementais podem nos orientar quanto a seu uso. Portanto, vamos buscar as fadas que as acompanham e nos explicam seus benefícios!

REFERÊNCIAS

ABALADA, D. L. **Horóscopos ocultos da natureza**: a astrologia dos xamãs, dos druidas e dos alquimistas. 1. ed. Sintra: Zéfiro, 2009.

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ANDREWS, T. **Enchantment of the faerie realm**: communicate with nature spirits and elementals. 28. ed. Woodbury: Llewellyn Publications, 2020.

AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Sistema de crenças: uma conceituação. **Protestantismo em Revista**, v. 43, n. 2, p. 237-255, 2017.

BABAI, D.; MOLNÁR, Z.; FILEP, A. Hunting, gathering and herding. Béla Gunda (1911–1994) and other Hungarian ethnobiologists. In: SVANBERG, I.; ŁUCZAJ, Ł. (eds.). **Pioneers in European ethnobiology**. Uppsala, Sweden: Uppsala University, 2014. p. 219-246.

BRASIL. **A fitoterapia no SUS e o programa de pesquisas de plantas medicinais da Central de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/bvsm/publicacoes/fitoterapia_no_sus.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

BRENNAN, B. A. **Mãos de luz**: um guia para a cura através do campo de energia humana. São Paulo: Pensamento, 2008.

CHUDLER, E. H. **Milestones in neuroscience research**. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/chudler/hist.html>>. Acesso em: 12 set. 2021.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DUTRA, M. *et al.* Avaliação produtiva de rabanete submetido a preparados homeopáticos de tiririca *Cyperus rotundus*. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 9, n. 2, p. 151-159, 2014.

FIUZA, R. M. **A consciência**: uma viagem pelo cérebro. Rio de Janeiro: Di Livros, 2011.

GAFFIN, D. **Running with the faeries**: towards a transpersonal anthropology of religion. Cambridge Scholars Publishing, 2012.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos de fadas**: obra completa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2013.

HALLOWELL, A. I. Ojibwa ontology, behavior, and world view. In: DIAMOND, S. (ed.). **Culture in**

history: essays in honor of Paul Radin. New York: Columbia University Press, 1960. p. 19-52.

HARTMANN, F. **Os elementais**: sua natureza e diversas categorias, grupos, gêneros e classes. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2013.

MINEY, H. **The Irish emigrant**: a nation in miniature. 2014. Tese (História). University of Florida, Liberal Arts & Sciences, Florida, 2014.

MORAES, P. R. C.; NASCIMENTO, A. F.; PAES, S. R. **A natureza e os saberes tradicionais**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 4., 2016. p. 171-174.

NEESON, E. **Mitos y leyendas celtas**. 1. ed. Buenos Aires: Lumen, 2007.

NUNES-NETO, N. F.; CARMO, R. S.; EL-HANI, C. N. O conceito de função na ecologia contemporânea. **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 25, n. 36, p. 43-73, 2013.

PARACELSO. **As plantas mágicas**: botânica oculta. 1. ed. rev. São Paulo: Hemus, 2005.

POE, E. A. **Serenade**. By E. A. Poe. Disponível em: <<https://www.eapoe.org/works/poems/serendea.htm>>. Acesso em: 21 set. 2021.

POE, E. A. **A ilha da fada**. 2. ed. [S.l.] Literatura Descoberta, 2019.

RIBEIRO, S. Tempo de cérebro. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n. 77, p. 7-22, 2013.

RIBEIRO, V. S. G. **Hanrahan, o Ruivo**: tradução, análise e comentário de seis contos de W. B. Yeats. 2014. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2014.

SILVA, B. M.; VASCONCELOS, E. B. **Guia de uso prático produtos Florais de Minas**. 9. ed. Itaúna/MG: Florais de Minas Ltda., 2018. Disponível em: <<https://site.floraisdeminas.com.br/wp-content/uploads/2020/02/Guia-de-Uso-Pr%C3%A1tico-Floras-de-Minas.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021.

SHAKESPEARE, W. **Comédias**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. da UnB, 1982.

SOUZA, G. L. A iconografia dos seres feéricos: seus modelos e suas transformações. **VIS Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB**, Brasília, v.14, n. 2, p. 187-208, 2015.

VARNER, G. R. **Creatures in the mist**: little people, wild men and spirit beings around the world - A study in comparative mythology. Nova Iorque, EUA: Algora Publishing, 2007.

VEIGA, P. E. de B. **A cosmogonia nas metamorfoses de Ovídio**: um estudo sobre as figuras da origem do mundo, com tradução e notas. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.

SOBRE OS AUTORES

ANA CECÍLIA MARIA ESTELLITA LINS – Graduada em Letras – Português do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino para imigrantes e refugiados. Graduada em Administração Pública. Auditora de Controle Interno do Governo do Distrito Federal (aposentada). Áreas de interesse: educação e espiritualidade.

AURORA LOPE ALZINA – Licenciada em Ciências e Técnicas de Comunicação Social. Desde 2014 acompanha o Ensino da Mestra Ascensionada, dado pela Loja dos Irmãos Maiores, a Grande Fraternidade Branca, por meio do Ensino do “Eu Sou”. Em 2015, passa a integrar a Escola de Ensino Espiritual “Ciudad Kumara, Tú Evolución Espiritual”, dirigida por Mónica Tacca Ponteburu, que pratica, difunde, compartilha e expande o ensinamento original baixado para esta era. Desde 2019 é instrutora de Metafísica Básica nesta mesma escola de Ensino Espiritual e Esotérico.

CAROLINE VIEIRA RUSCHEL – Advogada Colaborativa, doutora em Direito (UFSC), pós-doutoranda em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC), membro do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans). Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

CLAUDIA NUNES SANTOS – Professora da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Estudos Socioambientais Costeiros (UFPA) e membro dos Grupos de Pesquisa “Interações humanos-não humanos”/UFS, Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ERALDO MEDEIROS COSTA NETO – Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução/UEFS e no Doutorado Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Universidade do Cauca (Colômbia). Tem experiência nos seguintes temas: etnozologia, etnoentomologia, zooterapia, herança biocultural, Ecologia Espiritual e neoxamanismo. Coordenador dos Grupos de Pesquisa “Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ÉRIKA FERNANDES PINTO – Formação em Ciências Naturais, com doutorado em Ciências Sociais. Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, buscando a convergência das políticas de conservação da natureza com os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. Idealizadora da iniciativa *Sítios Naturais Sagrados do Brasil*, que busca mapear esses lugares e divulgar a importância da sua proteção no país e em outros contextos latino-americanos. Integra o Grupo Internacional de Especialistas em Valores Culturais e Espirituais das Áreas Protegidas, da União Internacional para a Conservação da Natureza (CSVPA/

IUCN). Trabalha no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), onde coordena um programa voltado ao reconhecimento e integração dos valores culturais da natureza na gestão de áreas protegidas.

FABIAN AGUILAR-MORA – Master em Ciências, professor e pesquisador, Engenharia em Biotecnologia, Membro do Grupo de Pesquisa em Microbiologia Aplicada, Faculdade de Ciências da Vida, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA – Engenheiro Agrônomo, com doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Psicologia. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Experiência em extensão rural, cooperativismo, metodologia científica, psicologia ambiental e comunidades sustentáveis.

GABRIELA PASSOS MOREIRA – Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Professora Pedagoga e especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino. Terapeuta integrativa vibracional, aromaterapeuta, taróloga e radiestesista.

GEMICRÊ DO NASCIMENTO SILVA – Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, Especialista em Metodologia e Ensino do Desenho. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana nas disciplinas História da Arte e Desenho. Coordenador do Programa de Extensão “Artes Transdisciplinares e Culturas: Repertórios Simbólicos e Ecopedagógicos no Cotidiano de Educar”.

GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA – Professor, Pesquisador, Escritor e Psicanalista. Vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FEBRAPS/IPA). Atua nos seguintes Programas de Pós-graduação: Biociência Animal/UFRPE; Biodiversidade/UFRPE; Ciências Ambientais/UFRPE; Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL; Ecologia Humana/UNEB.

GERALDO MILIOLI – Sociólogo, docente/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Coordenador do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans) e do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

HILDO HONÓRIO DO COUTO – Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Atua nas seguintes áreas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Fundador de “Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)”.

IAN FELIPE NASCIMENTO – Discente do curso de Geografia (bacharelado) na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ISAURA AWAS REMOR MILIOLI – Bacharel em Naturologia, pós-graduada em Tanatologia. Naturóloga da Prefeitura Municipal de Laguna – SC. Integrante do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

JAMILLE FERREIRA MARQUES – Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da UCSAL. Membro do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Colaboradora do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL e membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES – Doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus* III). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Corpoética: estudos interdisciplinares em Comunicação, Educação e Saúde”. Autor dos livros “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” (2015), “Ecologia mística” (2017), “Corpoética: yoga nas escolas” (2017), “O Yogue e o Pajé nas sendas do misticismo ecológico” (2020). Professor de Yoga, iniciado no Tantra Yoga pela Amanda Marga.

LESLIE E. SPONSEL – Professor Emérito do Departamento de Antropologia, Universidade do Havaí, Honolulu. Autor do livro “Spiritual Ecology: a quiet revolution” (Praeger, 2012).

MOACIR SANTOS TINOCO – Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Coordenador do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL. Membro do Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos/UFRPE. Atua junto aos Programas de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL e Biodiversidade/UFRPE. Membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

MÓNICA PATRICIA TACCA – Filósofa, advogada, além de leiloeira pública e corretora imobiliária. Fundadora do Grupo Ciudad Kumara, com sede em Córdoba, Argentina, agrupando pessoas de diferentes lugares. Seus áudios e vídeos encontram-se disseminados nas redes sociais, geralmente sob o título de Ciudad Kumara, Tu Evolución Espiritual, ou simplesmente Ciudad Kumara.

MONTSERRAT RIOS – Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Pará. Professora, Engenharia em Biotecnologia, Faculdade de Ciências da Vida, Pesquisadora do Grupo de

Biogeografia e Ecologia Espacial, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador. Membro do Grupo Mundial de Especialistas em Plantas Medicinais, Comissão de Sobrevivência de Espécies, União Internacional para Conservação da Natureza. Colabora em iniciativas governamentais e privadas de desenvolvimento social e gestão ambiental direcionadas a melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais nas áreas urbanas e rurais. Mestre em Programação Neurolinguística. Mestre em Filosofia da Yoga. Mestre em Reiki. Praticante de Reprogramação de DNA. Eterno Estudante do Caminho da Bíblia Sagrada.

OLGA LUCIA SANABRIA DIAGO – Doutora em Ciências, pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares do Meio Ambiente da UNAM, México. Professora Titular do Departamento de Biologia da Universidade do Cauca, Colômbia. Coordena o Doutorado em Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Unicauca. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

PAULA CHAMY – Graduada em História e em Direito, com doutorado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora colaboradora do NEPAM/ UNICAMP, atuando nos seguintes temas: etnoconhecimento e etnoconservação, ambiente e sociedade, unidades de conservação de uso direto e sustentabilidade, gestão compartilhada de recursos de uso comum, políticas públicas para conservação.

RAUL FRANCO VALVERDE – Diretor acadêmico Co-op dos programas de Operações de Gestão da Cadeia de Abastecimento e Gestão de Tecnologia Empresarial. Nesta função, fornece aconselhamento acadêmico e de carreira, além de coaching para os alunos que fazem parte destes programas. Professor sênior da Concordia University e presidente do Conselho de Credenciamento de Gestão de Tecnologia Empresarial da Technation Canada. Professor Adjunto na Universidade de Quebec em Outaouai.

VICTOR HUGO QUINTO HUETOCUÉ – Ecólogo da Fundação Universitária de Popayán. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades


Ano 2022



www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

